



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

5936 - Pôster - XIII Reunião Científica da ANPEd-Sul (2020)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 06 - Formação de Professores

A FORMAÇÃO DE PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS: INTERLOCUÇÕES COM A TEORIA DA ATIVIDADE DE YVES CLOT

Adriane Alves da Silva - UFPR - Universidade Federal do Paraná

Miriam Aparecida Graciano de Souza Pan - UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

A FORMAÇÃO DE PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS: INTERLOCUÇÕES COM A TEORIA DA ATIVIDADE DE YVES CLOT

Este trabalho faz parte de uma pesquisa de doutorado que se debruça sobre a problemática da formação do professor universitário e a sua relação com as práticas de letramento acadêmico que ocorrem no ensino superior brasileiro. Nesta etapa, apresenta-se um estudo de natureza teórico-conceitual que objetiva discutir essa formação, fundamentando-a em leituras do teórico francês contemporâneo, Yves Clot, principalmente, nos conceitos de “atividade” e “gênero profissional”.

Parte-se do pressuposto que há poucos processos formativos voltados às práticas de leitura e escrita dos gêneros da esfera científica e, quando eles acontecem, são planejados a partir do modelo educacional que está em voga no flexível mercado da “sociedade do conhecimento” (CHAUÍ, 2003), visando uma resposta imediata frente ao que é vendável e rentável. Não há tempo para uma assimilação das novas formas didático-pedagógicas e muito menos espaço para discuti-las, pois elas precisam ser postas em prática com rapidez e “eficácia”, dentro de uma perspectiva técnica, ancorada em discursos de eficiência e competitividade apenas, para os quais interessa a quantidade da produção. Tais práticas desconsideram os modos próprios de comunicação da comunidade acadêmica, e investem na inexauribilidade das produções científicas, como a excessiva escrita de artigos, sem que as ferramentas para dominá-las sejam oferecidas e as condições humanas de trabalho sejam respeitadas.

Deste modo, ao ter suas subjetividades negligenciadas, assumindo uma demanda exaustiva de atribuições técnicas, para as quais muitas vezes se sentem despreparados, os professores tornam-se angustiados, podendo, inclusive, adoecer. Essa angústia se reproduz nas relações com os estudantes, desdobrando-se em inúmeras tarefas sem que haja práticas formativas para realizá-las.

Considerou-se, portanto, necessária uma teoria para discutir essa formação e que pensasse a atuação docente enquanto atividade “(...) que permita não só conservar a sua função psicológica no seio da vida profissional e social como, para além disso, a desenvolva” (SANTOS, 2006, p.34). Nesse sentido, no âmbito da Psicologia Histórico-Cultural,

encontrou-se nos escritos de Yves Clot o desejo latente de ultrapassar essa perspectiva tradicional de adaptação dos sujeitos às exigências produtivistas, mas tornando-os agentes da transformação dos contextos de trabalho, ressignificando-os por meio das relações intersubjetivas. É o trabalho concebido como um campo do desenvolvimento humano.

Yves Clot é pesquisador e professor titular da disciplina de Psicologia do Trabalho no CNAM (Conservatoire National des Arts et Métiers de Paris), sendo notoriamente reconhecido pelo seu constructo teórico-metodológico da “clínica da atividade”. A obra de Clot fundamenta-se nos trabalhos de Vygotski, Bakhtin e em pesquisas da área da ergonomia (BANKS-LEITE; SMOLKA; ANJOS, 2016, p.10).

Para o aprofundamento do estudo, selecionaram-se duas obras desse pesquisador: *Trabalho e poder de agir* (2010) e *A função psicológica do trabalho* (1999). Nesses textos há reflexões centradas na compreensão do trabalho enquanto atividade humana concreta e desenvolvida por sujeitos cultural e historicamente situados, que possibilitam pensar a formação como meio para que os docentes (re) criem deslocamentos e novas elaborações nas suas relações.

Para o autor, não há como se dividir o sujeito que produz, transformando objetos pela sua ação prática, do sujeito concreto, com emoções e anseios, por estar imerso na corrente dialógica da vida. Segundo Clot:

A atividade – prática e psíquica – é sempre a sede de investimentos vitais: ela transforma os objetos do mundo em meio de viver ou fracassa ao fazê-lo. Em vez de ser determinada mecanicamente por seu contexto, a atividade dos sujeitos no trabalho implica a metamorfose deste contexto. (CLOT, 2010, p.8).

Portanto, viver no trabalho significa interagir, afetando e sendo afetado pela forma como as atividades se desenvolvem. Quando a pessoa não se sente ativa nesse processo e as coisas transcorrem independentemente de sua iniciativa, ela se sente depreciada e a atividade perde o sentido, podendo resultar em adoecimento e sofrimento. Scheller (2003) reforça esse argumento: “O desenvolvimento abortado da atividade se perdem em emoções que degeneram em ‘paixões tristes’, novos obstáculos ao desenvolvimento, em defesas psíquicas – até mesmo coletivas – cuja manutenção pode se tornar uma verdadeira tarefa fictícia” (p. 9). O ideal é que a criação conserve a sua posição, na qual atividades individuais e coletivas caminhem juntas de modo que o operador seja o criador recorrente da sua tarefa.

De acordo com essas reflexões, podemos destacar que o professor, quando concebido como mero executor de tarefas que lhes são prescritas, perde o poder de agir, pois o sentido real da atividade realizada encontra-se manifesto na relação de valor que ele atribui àquilo que faz e às outras ações que lhe são possíveis. Um modelo formativo prescritivo destituiu o docente da interação consciente com seu objeto de trabalho, neste caso o conhecimento científico. Do mesmo modo, a excessiva cobrança por resultados, que acaba por estimular a concorrência interna, individualizando os resultados e as ações, enfraquecendo o coletivo e as relações intersubjetivas.

Em consequência, surgem as psicopatologias decorrentes da perda do poder de agir na atividade e do sentimento de impotência que dela resulta. Elas estão bastante recorrentes nas formas de organização trabalhistas contemporâneas, conforme o modelo organizacional de universidade já citado anteriormente. O excesso de produtividade e as “demandas” excessivas e exaustivas a serem cumpridas em curto prazo, e passíveis de mudanças bruscas de direcionamento, são responsáveis pelo fracasso de um número significativo de atividades. Nas palavras de Scheller (2003, p.16):

Esvaziada de seu sentido, a atividade do sujeito se vê amputada de seu poder de agir

quando os objetivos da ação em vias de se fazer estão desvinculados do que é realmente importante para ele e quando outros objetivos válidos, reduzidos ao silêncio, são deixados em suspenso. Essa desvitalização da atividade é uma modalidade habitual de atrofia do poder de agir.

Ainda sobre o poder de agir dos sujeitos, Clot (2010) explicita que ele não é linear, mas se faz alternar entre duas tendências: o sentido e a eficiência. “A primeira, fruto da troca, é fonte de energia, enquanto a segunda, oriunda da técnica ou fornecida por ela, é fonte de economia” (p.20). O ideal, para o autor, seria substituir o dualismo entre essas tendências por uma concepção de atividade ao mesmo tempo mediatizada e mediatizante, na qual o sujeito constrói seus instrumentos não como forma de adaptação ao mundo, mas de ressignificação e transformação, do mundo e de si.

Partindo da necessidade de investigar o que seriam e como se estabelecem essas relações no trabalho, Clot (2010) destaca que:

(...) existem gêneros sociais de atividades, que contém não só os gêneros do discurso, como havia sido proposto por M. Bakhtin em um contexto completamente diferente, mas também gêneros de técnicas: estes estabelecem a ponte entre a operacionalidade formal e prescrita dos equipamentos materiais, as maneiras de agir e de pensar de um meio. (p.89).

Surge, portanto, a partir da teoria dos gêneros do discurso de Bakhtin (2011), a definição de “gêneros profissionais”, categoria conceitual que se refere aos fatores previsíveis sociais de um coletivo de trabalho, e que envolve desde aspectos organizacionais, técnicos, comportamentais, gestuais e de linguagem. Essas atividades pré-organizadas indicam o tom para se agir em determinado horizonte social e profissional e se apresentam como subentendidas pelos trabalhadores.

Pensando o ensino superior como um coletivo de trabalho docente, há, portanto, um gênero profissional em curso. Nele operam formas de agir consolidadas no decorrer da história dessa práxis. Esse gênero está manifesto nos modos de falar, permeados por jargões específicos de cada campo de atuação, nas vestimentas, manifestações e posturas corporais, nas formas de hierarquização das funções e implicado nas relações de poder. Ou seja, ao se adentrar nessa profissão, há modos de ser e fazer que muitas vezes são apreendidos quase que naturalmente, funcionando como ações subentendidas. É o gênero que estabiliza e fixa, ainda que de modo nunca definitivo, o que é comum no coletivo do trabalho.

Do mesmo modo que o gênero possibilita ao coletivo o fortalecimento das ações individuais, ele também acaba por naturalizar alguns discursos que produzem sentidos nos docentes acerca do papel que eles precisam exercer nesse espaço, ou seja, sobre o que é ser um professor universitário. Yves Clot, no entanto, destaca que os gêneros profissionais não são amorfos, porque eles são também, por sua condição dialógica, meio para a ação.

Aquele ou aqueles que trabalham, agem por meio dos gêneros, enquanto satisfazem às exigências da ação. Assim, quando é necessário, eles ajustam e aperfeiçoam os gêneros, posicionando-se igualmente fora deles por um movimento, por uma oscilação, às vezes, rítmica que consiste em se afastar, em se solidarizar e em se confundir, de acordo com as contínuas modificações de distanciamento que podem ser consideradas criações estilísticas. (CLOT, 2010, p.126).

Sendo assim, cada sujeito confere ao gênero coletivo sua própria expressividade, seus próprios retoques. É o estilo que confere o caráter de inacabamento dos gêneros, que continuam vivos graças às suas recriações. “Ele é um misto que confirma a libertação possível da pessoa em relação à sua memória singular da qual ela, entretanto, continua sendo o sujeito e de sua memória transpessoal e social da qual permanece forçosamente o agente” (p.129).

É nessa arena pluridiscursiva na qual os diferentes estilos coabitam que são passíveis de ocorrer as mudanças almejadas, quando os sujeitos se emancipam de seus variantes subjetivos incorporados, produzindo novos sentidos.

Dentre as conclusões preliminares deste estudo teórico, compreende-se que a atividade docente prescinde de modelos formativos mais dialógicos, que possibilitem a estes profissionais se reconhecerem individual e coletivamente, atravessados por uma história que não pode ser negada e que está em constante transformação, pela qual cada precisa se sentir partícipe e responsável.

Ainda relacionando às práticas de letramento acadêmico produzidas na universidade, trazer os professores para o centro das discussões no âmbito formativo, fazendo com que se percebam como agentes criativos no processo, poderá ser um passo fundamental para se (re) significar as suas ações e modificar aspectos instaurados e consolidados como norma no gênero. E, deste modo, produzir novos sentidos sobre o que significa ser um professor na universidade.

PALAVRAS-CHAVE: Formação Docente. Ensino Superior. Yves Clot. Teoria da Atividade.

REFERÊNCIAS

BANKS-LEITE, Luci; SMOLKA, Ana Luiza Bustamante; ANJOS, Daniela Dias (organizadoras). **Diálogos na perspectiva histórico-cultural: interlocuções com a clínica da atividade**. Campinas: Mercado de Letras, 2016.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In M. Bakhtin. **Estética da criação verbal** (4a ed., pp. 361-306). (P. Bezerra, Trad.). São Paulo: Martins Fontes, 2011. (Obra original publicada em 1979).

CHAUI, Marilena. **A universidade pública sob nova perspectiva**. Rev. Bras. Educ. 2003, n.24, pp.5-15.

CLOT, Yves. **A função Psicológica do Trabalho**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

CLOT, Yves. **Trabalho e poder de agir**. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2010.

SCHELLER, Livia. **Élaborer l'expérience du travail**. Activité dialogique et référentielle dans la méthode des instructions au sosie. Tese de Doutorado em Psicologia. Conservatoire National des Arts et Métiers), Paris, França, 2003.

SANTOS, Marta. **Análise psicológica do trabalho**. Laboreal, 2006.